

TURISMO EM TEMPOS DE COVID-19: PERGUNTAS FORTES, RESPOSTAS FRACAS.

Turismo en tiempo del covid-19: preguntas fuertes, respuestas débiles

Tourism in covid-19 times: strong questions, weak answers

Susana Gastal¹

Resumo²: O presente artigo, de teor ensaística, tem como objetivo discutir a pandemia COVID-19 e seus possíveis desdobramentos em relação ao turismo. Parto de Boaventura de Souza Santos, para quem nos defrontamos com perguntas fortes, para as quais serão dadas respostas fracas, quando em tempos de transição. Para minorar a fraqueza das possíveis respostas, me apoio no próprio professor Boaventura, assim como no geógrafo David Harvey e no historiador Eric Hobsbawn. Para análise considero como indicadores <capitalismo>, <colonialismo> e <patriarcalismo>, para expor os imbricamentos do turismo com/nos mesmos.

Palavras-Chave: Turismo; Capitalismo; Colonialismo; Patriarcalismo; Covid-19.

Abstract: The present essay paper aims to discuss the pandemic COVID-19 and its possible expansions on tourism. I am starting from Boaventura de Souza Santos, for whom we are faced with strong questions, for which weak answers will be given when in times of transition. To make the weakness of possible responses less severe, I count on Professor Boaventura himself, as well as on geographer David Harvey and historian Eric Hobsbawn. For analysis I consider <capitalism>, <colonialism> and <patriarchalism> as indicators, to expose the imbrications of tourism with / in them.

Keywords: Tourism, Capitalism, Colonialism, Patriarchalism, Covid-19

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir la pandemia COVID-19 y sus posibles consecuencias en relación con el turismo. Comienzo desde Boaventura de Souza Santos, para quien nos enfrentamos con preguntas fuertes, para las cuales se darán respuestas débiles, en tiempos de transición. Para trabajar en las posibles respuestas, busco la ayuda del profesor Boaventura, así como del geógrafo David Harvey y el historiador Eric Hobsbawn. Para el análisis, considero <capitalismo>, <colonialismo> y <patriarcado> como indicadores, para exponer la superposición del turismo con ellos.

¹ Doutora em Comunicação Social. Bolsista CNPq Produtividade. Professora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0363951380330385>; **E-mail:** susanagastal@gmail.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5706-9672>

² Algumas das ideias aqui desenvolvidas são resultado de discussões na disciplina Seminário de Pesquisa 1, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul, em 2020. Agradeço à colega Maria Luiza Cardinale Baptista, com quem compartilho a disciplina, e aos doutorandos Camila Carvalho de Melo, Carlos Henrique M. Funck e Raquel Finkler.

Palabras clave: Turismo; Capitalismo; Colonialismo; Patriarcalismo; Covid-19.

AS PERGUNTAS

Chamando Boaventura de Souza Santos (2009) para ajudar a pensar as relações socioculturais do atual momento de pandemia, e delas chegar ao turismo, ele afirma que em tempos de transição nos defrontamos com perguntas fortes, para as quais serão dadas respostas fracas. As perguntas (fortes) estariam relacionadas a questionamentos sobre opções de vida, individuais e coletivas, que nos causam perplexidades, igualmente pessoais e sociais. Já as respostas seriam fracas quando respondidas sem “por em causa o horizonte de possibilidades, imaginando neles virtualidades para esgotar o campo das perguntas e das respostas possíveis ou legítimas” (p.452).

Há duas perguntas reiteradas no atual cenário Covid-19. A primeira questiona a duração não tanto da pandemia, mas das restrições de mobilidade em termos de isolamentos quer em quarentenas, quer em lockouts. Para esta, a ciência já apresenta respostas razoáveis, vindas das pesquisas realizadas nas Universidades não só pelas áreas médico-biológicas, mas pelo importante aporte dos matemáticos e estatísticos, para quem as probabilidades se expressam em números e equações e não em divagações filosóficas (muito embora, os números sempre dependam do tipo de comportamento humano em relação ao isolamento). A segunda pergunta inverte o peso das duas áreas: a pandemia mudará nossa maneira de ser estar no mundo? No caso de resposta positiva, quais serão e como se darão estas mudanças? Aqui, serão os filósofos a arriscar maior número de respostas.

Vou me ater a segunda abordagem, pois, para o pós-corona as respostas se tornam ainda mais complexa. Para ajudar a pensá-la, recorro mais uma vez a Boaventura, que diz ser o vírus uma *alegoria* marcada por um medo caótico e generalizado da morte sem fronteiras, deflagrada por um inimigo invisível e poderoso. Se, como diz Umberto Eco (1989), na *alegoria* transforma-se o fenômeno em conceito e este em uma imagem, de tal forma que o conceito fica circunscrito à imagem e expressa-se através dela.

No caso atual, posso propor que o fenômeno seria pandemia; o conceito, o Corona Vírus; e a imagem (marca), COVID-19. Fazendo o caminho inverso, indo da imagem ao fenômeno *pandemia*, este envolveria não só questões de saúde humana, mas também o que está no seu subtexto, ou seja, a doença como resultante de um sistema. Para Boaventura (2020), a doença se chamaria *mercado*, um sistema que se sustenta historicamente na *tríade dos modos de dominação*: capitalismo, colonialismo, patriarcado. O autor sustenta mais, dizendo que a dominação, tanto explícita como implícita, só se dá na interação dos três.

Significa dizer que não podemos focar na imagem COVID-19 expressando números de mortos e de infectados, mas é necessário desenhar o cenário em que a doença se instala historicamente. Isso porque, a História pode nos auxiliares a compreender “de que modo os vários elementos reunidos no interior de uma sociedade contribuem para criação de um dinamismo histórico ou, inversamente, não conseguem provocar tal dinamismo” (HOBBSAWN, 2009, p.11). Mais do que um tempo, o passado prospectado neste caso, é um *lugar*, onde/quando interagem capitalismo, colonialismo, patriarcado.

O LUGAR PASSADO

O lugar que vou buscar, valendo-me da tríade capitalismo, colonialismo e patriarcado, é o turismo no seu passado, especialmente o mais recente. Dali, do *lugar* passado, tentar refletir sobre situações pregressas que talvez indiquem, menos, rupturas e, mais, possibilidades de que a pandemia se caracterize como aprofundamento de situações já dadas.

Reportando à história mais remota das viagens, é possível dizer que os deslocamentos marcam o percurso da humanidade desde os seus primórdios. Faraldo e Rodriguez-López (2013) tratam Otsi, um corpo mumificado encontrado nos Alpes em 1991, como o proto viajante europeu. Datada com cerca de 5.300 anos, a mumificação se deu por processos naturais, entre as geleiras, preservando para posteridade as roupas que o viajante usava, os alimentos que havia ingerido, as doenças de que sofria (problemas gástricos e de articulações) e até mesmo o caminho percorrido, demarcado pelos micro organismos presentes em seu traje e calçado. Otsi era uma caminhante e as doenças andavam com ele.

O apoio aos deslocamentos permitiu que, ao longo do tempo, o caminhante passasse a contar com o auxílio de animais para transporte de pessoas e cargas, seguindo-se o desenvolvimento da roda e dos motores, num largo processo civilizatório. A revolução industrial, especialmente, trouxe várias formas de motores, que darão agilidade às carruagens e aos barcos, em desdobramentos no trem e nos vapores. Por turismo, então, proponho compreender, para fins desta reflexão, a organização das viagens para comercialização no mercado, sofisticando um processo iniciado pelas agências europeias de Correios. Sim, porque foram as carruagens que transportavam as malas postais que começaram a disponibilizar alguns lugares para passageiros. Ao mesmo tempo, o oficial da agência dos Correios se encarregava de providenciar para os passageiros, reserva de leitos e alimentação ao longo do caminho. Thomas Cook & Son (1841) carrega a fama de pioneiro nessa organização de mercado, inclusive escanteando a portuguesa Abreu (1840), mas suspeito que ele apenas adaptou ao trem, o de há muito praticado pelos Correios.

Capitalismo – Os avanços do capitalismo significarão crescimento para o setor turístico, assim como suas crises repercutirão de imediato no sistema de viagens. A busca por números sempre maiores e mais otimistas vinha levando a saturação do turismo em muitos locais, especialmente daqueles icônicos, como Veneza ou Barcelona no caso europeu, mas também de pontos do litoral brasileiro na alta temporada, ou quando da realização de festas consagradas e populares como o Carnaval no Rio de Janeiro e no Nordeste brasileiro, ou de festejos associados ao Círio de Nazaré, em Belém do Pará, para ficar apenas em alguns exemplos. Outros casos poderiam ser citados. Hobsbawn (2009) traz um exemplo, com dados de 1997, mas que ajudam a pensar. Segundo ele, naquele ano teria havido 630 milhões de pernoites estrangeiros, *um para cada 9 seres humanos*. Então e em momentos subsequentes, em lugares como os citados foram ultrapassados limites toleráveis pela população local, limites que não poderiam ou não deveriam ser ultrapassados, levando à resistência política das comunidades afetadas.

Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que as viagens sempre foram uma prática das elites. Desdobrando os números apresentados por Hobsbawn, aquele 'um' entre nove que viajou, provavelmente o fez com maior frequência e com maior número de pernoites, relativizando a estatística. A metáfora é válida, entretanto, para significar que o "mundo tornou-se imensamente rico. A quantidade de pessoas que dispõem de recursos suficientes para fazer o que antes estava ao alcance apenas dos ricos é incomparavelmente maior do que antes" (HOBSBAWN, 2009, p. 73). Para o historiador, não mais viveríamos sob o signo da carência. A população mundial, mesmo com as guerras e pandemias, seria três vezes maior do que no início do século XIX, os sujeitos

são fisicamente mais fortes, mais altos, mais saudáveis e vivem por mais tempo. Não sei se tal valeria para certos países da África ou para algumas localidades do Brasil, mas, genericamente, o capitalismo central expandiu-se e beneficiou as pessoas, até décadas recentes.

Sob a globalização e a presença do *capitalismo global*, o cenário fica mais complexo e mais perverso. Por que? Porque de um 'simples' modo de produção, o capitalismo global alcançaria na atualidade o cultural e o civilizacional, "portanto, estende cada vez mais os seu tentáculos a domínios que dificilmente se concebem como capitalistas, da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da concepção de tempo livre às relações dos que estão mais próximos, da avaliação de mérito científico à avaliação moral dos comportamentos que os afectam" (SANTOS, 2009, p. 11). Segundo o autor, por polifacetado, dificulta inclusive discernir quem domina e quem é dominado. Ou talvez não, porque todos são dominados nesse capitalismo que Rolnik (2018) trata como *globalitário*, seguindo o geógrafo Milton Santos. O que leva à questão do colonialismo, em cuja versão contemporânea o turismo desempenha um papel importante.

Colonialismo – O sistema colonial, frutos da expansão mercantil do capitalismo europeu a partir do século XVI, só foi formalmente encerrado na segunda metade do século XX. O que não significa dizer que a dominação e a subserviência não continuassem presentes na África e América Latina, haja visto a situação do Brasil neste ano da (des)graça de 2020. As questões coloniais apresentam estudos acadêmicos que incluem contingências políticas, etnicidade e culturalidade, entre outras abordagens associadas. O colonialismo político e econômico, que transcende às datações históricas e se mantém presente, seria a "forma de dominação que envolve a negação da independência política dos povos e ou nações subjugadas" (Santos, 2020, p.11), levando a relações desiguais entre estados e dentro dos mesmos através de barreiras físicas (por exemplo, muros e cercas nas fronteiras Estados Unidos - México e Israel - Palestina) e ou simbólicas.

As barreiras simbólicas podem estar subjacentes a termos acadêmicos como multiculturalismo de interculturalismo, segundo Boaventura (2020). Para ele, o primeiro pressupõe uma cultura dominante que aceita, tolera, a existência de outras culturas no espaço em que domina. Destaca-se que o *tolera* apresenta muitas gradações, conformes tempos e espaços. Já na interculturalidade haveria o "reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham um dado espaço cultural" (p.9). O autor vai mais adiante, propondo falar da ciência moderna, mas em raciocínio que vale para outras esferas sociais, ao dizer que a pretensão a universalidade (poderíamos substituir por globalização?) "é resultado de uma inversão epistemológica que só foi possível na força com que a intervenção política, econômica e militar do colonialismo e do capitalismo se impuseram aos povos e culturas não ocidentais e não cristãos [e, acrescentaria, situadas ao Sul] [...]" (p. 10, acréscimo meu, seguindo o autor).

O turismo não ficou ausente neste sistema, significando que países 'tropicais' e 'paradisíacos' deveriam incluir corpos disponíveis e hospitaleiros, a um baixo custo em termos de precificação, para consumo antropofágico pelo outro. Não por acaso, o turismo apresentava - e continua a apresentar - o morador da comunidade visitada como 'nativo'. Nativo que pode significar aquele que é *nato* ou nascido no local, mas também o indígena ou a natureza em estado puro, não culturalizada, o que significa, como bem sabemos, disponível para *exploração* do colonizador.

Portanto, o turismo e suas práticas acabam como braços de permanência e atualização do colonialismo em neocolonialismos, estes acontecendo quando a presença explícita de formas de dominação militar e política são substituídos por outras

formas simbólicas ou nem tanto, de dominação e controle, entre elas, o turismo, nos países ao sul do Equador. Nesse sentido, o perigo de certos discursos mais exacerbados em relação a hospitalidade, que podem incentivar o servilismo e submissão do colonizado. Salazar (2006) realiza uma revisão bibliográfica crítica sobre a temática e, entre outros, alerta para práticas coloniais subjacentes a conceitos e demandas por *autenticidade* e, mesmo, *sustentabilidade*, nos discursos associados ao dito turismo alternativo. Segundo ele, as “diferencias de poder entre turistas de los países desarrollados - incluyendo los discursos dominantes de su(s) cultura(s) - y la cultura visitada pueden indicar que el turista simplemente impone sus ideas y valores y así regresa habiendo confirmado más que nunca sus rígidas creencias étnicas, de género, raza o edad [...]” (p. 105-106).

A autenticidade estaria associada no desfrute de bens materiais e imateriais dos locais visitados, dos quais seria exigido “uma imutabilidade e uma não interferência do observador. Aparentemente um consumo do passado suspenso no tempo, onde tradições, rituais e modos de vida, sobretudo fora do mundo ocidental, nos permitissem espreitar o passado num continuum histórico de revisitação da nossa própria história” (Joaquim, 2012, p. 3-4). Teríamos o nativo vivendo em um grande zoológico humano, que muito lembraria os zoológicos humanos que estiveram presentes em muitas cidades europeias, até meados do século XX³.

O **patriarcado**, que não pode ser separado do machismo, apresenta um desenho semelhante ao colonialismo e não por acaso. Selister (2009) está entre as pesquisadoras da nova geração que têm se debruçado sobre a questão, em pesquisas em que mostra como o marketing turístico erotizou a mulher brasileira nas peças publicitárias produzidas até inícios dos anos 2000, a semelhança do que fazem os comerciais de cerveja.

Retomando Boaventura, vai-se do fenômeno ao conceito e dele à imagem, quando as peças publicitárias materializam contexto social imerso no patriarcado-machismo em imagens de corpos femininos semidespidos e erotizados. Os poucos avanço conquistados nas três últimas décadas, decorrentes da Constituição Cidadã de 1988 e materializados, por exemplo, na Lei Estadual 4.642, do Rio de Janeiro, que proibiu materiais turísticos que veiculassem mulheres nuas ou seminuas, tem se esvaído no que Rolnik (2018) detecta como uma aliança entre o neoliberalismo econômico e as forças mais conservadoras da sociedade.

O que o neoliberalismo prometia era a ampla democratização social e pessoal, em termos de crenças, opções de gênero e de expressões culturais. O que muda, então, é “inesperada aliança das forças neoliberais e conservadoras [que] tem a ver com o fato de ambas compartilharem uma mesma moral e um mesmo modelo de identificação subjetiva: o inconsciente colonial-capitalístico”, explica Preciado (2018, p. 13), ao reportar as teorizações de Suely Rolnik. Na mesma reflexão, o teórico prossegue: “No Brasil, fica evidente que é a própria tradição psicológica, surgida no centro dos impérios coloniais e patriarcais europeus, que, estando atravessada desde suas origens por estruturas de opressão colonial e sexual, necessita de um duplo processo de descolonialização e de despatriarcalização” (Preciado, 2018, p. 16)

Não podemos esquecer que o machismo-patriarcalismo não se expressa apenas na exploração de corpos femininos despidos. Ele está atravessado quando se colocam as mulheres como seres meigos, dóceis e, portanto, indefesos em relação aos males do mundo (masculino) cruel, incapazes de tomarem decisões rápidas e lúcidas, como

³ Não seria possível entrar em detalhes sobre os *zoológicos humanos* neste texto, mas basta chamar a expressão numa pesquisa on line, e se verá inclusive fotos impressionantes sobre tais práticas, que chegaram a atrair 200 mil visitantes, em alguns casos.

aquelas necessárias no planejamento e empirização de viagens. Daí, talvez, o apagamento da presença feminina também na política, nos cargos executivos na direção de jornais e televisões, embora desde há muito as mulheres sejam maioria nos cursos de Comunicação.

Há quem comente que o número de mulheres nos cursos da área das Engenharias já teria sido muito maior do que na atualidade. A razão, na explicação que ouvi e que não deixa de ser plausível: porque enquanto os meninos continuaram brincando com Lego, as meninas passaram a se fantasiar e a brincar de princesa. Ou seja, um duplo processo de colonialismo e de patriarcalismo, ao qual volto a acrescentar os tentáculos do capitalismo neoliberal, cada vez menos voltado a produção de bens duráveis (mesmo daqueles que durem pouco) e mais a reprodução de imagens e imaginários. No caso, nada mais colonial e machista do que a figura de uma princesa tradicional, distante da guerreira Princesa Leia em Guerra nas Estrelas⁴. Tal vestígio machista e colonial é também reproduzido nas festas temáticas associadas ao turismo, que não abrem mão da presença de uma corte, formada por rainhas e princesas.

O LUGAR FUTURO

O fotógrafo Sebastião Salgado, nos primórdios do século XXI, esteve em Porto Alegre, onde falou para uma plateia que lotou o Auditório Araújo Vianna. Das muitas falas que proferiu – sua competência verbal equivale a sua competência como fotógrafo – me ficou marcada a afirmação: “Estamos passando para século XXI, deixando metade da população mundial no século XX”. Naquele momento não compreendi o pleno alcance dessas palavras, que só foram ficando mais claras à medida que o século avançou.

Uso a frase como mote para retomar a reflexão sobre o COVID-19, em seus possíveis desdobramentos, detectados a partir das tendências já presentes no *lugar passado*, que vou tratar como cenários, em homenagem à Revista que nos abriga.

Cenário 1 – As pandemias são recorrentes e as doenças, mais leves ou mais pesadas, sempre acompanharam os deslocamentos humanos. Já na Idade Média, mesmo que relativamente poucas pessoas viajassem, a Peste Bubônica ou Peste Negra matou na Eurásia o que é calculado como algo entre 75 e 200 milhões de vítimas, além de consagrar um tipo de máscara facial de proteção, cuja imagem ao invés de tranquilizar, assusta. Os peregrinos à Compostela, na Idade Média, chegavam à Catedral com roupas e pertences infectados, daí o queimá-los ritualisticamente. Se a versão consagrada fala em descartar pertences como despojamento de bens materiais por quem concluía a peregrinação, as razões mais pragmáticas eram de ordem sanitária: não contaminar a cidade com a peste. Mas a Bubônica não se restringiu a Idade Média. Osvaldo Cruz (1872-1917), sanitarista que na virada do século XIX para o século XX procurou debelar doenças endêmicas no Rio de Janeiro, teve nela um dos seus grandes desafios.

A Cólera apresentaria grandes surtos na primeira metade do século XIX, espalhando-se à medida que transportes como o trem e o barco a vapor aceleravam o número e a velocidade dos deslocamentos. A novela de Thomas Mann “Morte em Veneza” (levada para o cinema brilhantemente por Luchino Visconti) retrata bem a relação dessa doença, com o turismo, entre outros na figura do gerente do hotel em que

⁴ Star Wars, filme com direção de George Lucas, teve estreia em 1977. Nos anos seguintes, seguiram-se vários outros episódios, sempre com grande sucesso de bilheteria.

a personagem central se hospeda em Veneza, que veemente nega haver qualquer problema de saúde pública na cidade. O fim é trágico.

Outra doença que acompanhou as viagens foi a Varíola, cuja presença já era registrada entre os antigos egípcios e entre os romanos. Segundo a Organização Mundial de Saúde, o mapa de propagação da Varíola é o mesmo das grandes navegações do início do século XVI. Na América, foi responsável por dizimar boa parte da população indígena, e séculos depois, esteve também entre as preocupações de Osvaldo Cruz, no Rio de Janeiro. A Influenza Maligna ou Gripe Espanhola, outra sobre a qual há registros desde a Antiguidade e que teve um grande surto em 1918, provavelmente decorrente do deslocamento de tropas durante a I Grande Guerra Europeia, também acompanhou viajantes. Chegou no mesmo ano ao Brasil, a bordo do navio Demerara, onde pessoas haviam morrido durante a viagem. A quarentena imposta ao navio gerou crise diplomática e, mesmo com as mortes a bordo, jornais da época assinalaram que a viagem teria ocorrido sem registrarem-se incidentes (Brito, 1997).

Não menos avassaladora foi (e é) a Tuberculose, tendo ocasionado 1,3 milhões de mortes logo ali, em 2016. No século XIX era doença boêmia, que matava poetas e artistas, mas, claro, não se restringiu a eles. A Tuberculose apresenta uma relação especial com o turismo. Como por muito tempo não houve tratamento, a recomendação terapêutica era buscar o ar de montanha e repousar, o que levou ao surgimento de sanatórios e pensões em lugares como Campos do Jordão, no Rio de Janeiro, e Canela, no Rio Grande do Sul, a partir de 1920 (De Souza Maciel, 2012), ou nas praias do Algarve, em Portugal, que se transformam a seguir em espaços atrativos para turistas.

Considerando-se, portanto, o que nos mostra a História, as pandemias continuarão a ocorrer, sendo possível que, se as viagens continuarem em aceleração, o mesmo se dará com a recorrência de novos ou de velhos vírus. Analisando a Gripe Espanhola, Brito (1997) alerta para presença de desdobramentos psíquicos, que poderiam muito bem serem aplicados a atual pandemia:

[...] as epidemias em geral engendraram uma estética própria e um tipo especial de sensibilidade - o 'medo das pestes'. Tal sentimento, apreendido e transmitido culturalmente, deita raízes no que o autor⁵ chama 'ruptura inumana', isto é, as várias rupturas brutais que incidiram sobre a vida cotidiana e ameaçaram a convivência social. Sentimentos de angústia, impotência, pessimismo, ou comportamentos de excesso como morbidez, loucura e sadismo são coerentes com os momentos em que a vida social parece perder os parâmetros que lhe conferem um aspecto de normalidade, compelindo os indivíduos a romper os laços de comunicação que os unem aos amigos e familiares (p.15).

Cenário 2 – Neste segundo cenário a questão de fundo é o modelo presente modelo de capitalismo presente no atual momento, sobre o qual Hobsbawn (2009) afirma ser a globalização irreversível, mas não a ideologia neoliberal nela baseada, sendo seu principal problema a não distribuição de renda. A concentração de renda, se levada ao extremo, gerará reação das comunidades atingidas. Harvey (2020), por sua vez, elenca vários fatores que levaram a compressão espaço temporal no giro do capital flexível, que precisa girar mais e mais rápido, induzindo entre outros, a passagem dos bens aos serviços e, mais, de “serviços altamente efêmeros no consumo” (p.126). Exemplifica com a popularização da moda, a qual aderiram mesmo os produtores da alta costura, e os modismos culturais, aos quais é possível acrescentar comportamentos na gastronomia, nas dietas da moda, nos restaurantes em destaque, e nos próprios destinos turísticos. Para sustentar tais efemeridades “o capitalismo se encontra agora

⁵ A autora refere a Delumeau (1989).

predominantemente voltado à produção de signos, imagens e sistemas de signos em vez de as mercadorias propriamente ditas” (p.129).

[...] turismo de massa e os filmes feitos em locações espetaculares disponibilizam para muitas pessoas uma variedade de experiências simuladas ou vicárias daquilo que o mundo comporta. A imagem de lugares e espaços torna-se tão aberta a produção e ao uso efêmero quanto qualquer outra (Harvey, 2020, p. 135).

Ao que parece, pelo menos temporariamente, o capital precisará desacelerar seu ritmo, abrir mão das efemeridades, e dos altos valores agregados como *imagem*. Vejo isso num horizonte senão provável, possível. Mas seria pedir demais que, *sponte sua*, guinasse para uma melhor distribuição de renda. Ao contrário, a pandemia está sendo desculpa para redução de salários e demissões. Traduzindo em outras palavras, menos dinheiro em circulação e nuvens negras no horizonte sinalizando recessão. Para bom entendedor, viagens provavelmente voltarão a ser prática de uma elite, pois ao trabalhador restará o retorno ao piquenique na praia mais próxima, num domingo de sol de verão. Aos mais abonados, um passeio ida-e-volta a localidades como Gramado ou outras similares, com o mínimo de consumo local. A dúvida fica por conta da duração desse encolhimento econômico, se e mês, meses ou anos. Considere-se que as previsões não deixam entrever uma solução rápida.

Outras questões, entretanto, estão sendo aceleradas em sua implantação. A exemplo do home office, que em poucas semanas passou da teoria à prática de pelo menos 30% dos profissionais, aeroportos e hotéis estão introduzindo soluções tecnológicas a uma velocidade não prevista. Ponto positivo, aumenta a segurança em termos sanitários. Ponto negativo, corte drástico de postos de trabalho. Depois, a forte elevação dos preços dos produtos, situação já observada por Brito (1997), quando a pandemia era a Tuberculose, que veio acompanhada do aumento de “preços de remédios, de alimentos básicos como ovos, frango e carne, cereais, pão e, sobretudo, limão [então recomendado como terapêutico]. Reclamava-se muito dos abusos praticados por comerciantes, motoristas de táxi, farmacêuticos e até médicos” (p. 220).

- **Colonialismo / Paternalismo / Machismo** – Boaventura (2020) afirma, como já colocado, que colonialismo e patriarcalismo estão vivos e se reforçam nos momentos de crise aguda. Talvez retomando Harvey (2020), se possa compreender melhor esses retrocessos a partir da questão da efemeridade dos bens e serviços. Segundo ele: “Quanto maior for a efemeridade, mais premente será a necessidade de descobrir ou fazer um tipo de verdade eterna que possa nela repousar” (p.133), como na religiosidade de todos os matizes, na dita autenticidade, na autoridade política, na ideia de família e comunidade. Aliás, como já estamos presenciando.

Essa tese tem quatro desdobramentos. O primeiro, considerando-se que os empregos no turismo são majoritariamente femininos, essas trabalhadoras tenderão a ser ainda mais desvalorizadas. Segundo, um possível crescimento de peregrinações e do turismo religioso. Terceiro, um forte incremento da prostituição e de sua associação ao turismo, sendo possível que destinos de turismo sexual ganhem nova vitalidade. Quarto, o que já vem sendo registrado, a busca por recantos rurais e bucólicos, por pequenos hotéis e pequenos restaurantes *autênticos*. Sem desconsiderar que autenticidade e sustentabilidade podem se tornar obrigação do *nativo* e do *bom selvagem*, semantizados como *rústicos*, em reafirmações do turismo como braço de neocolonialismos.

São tempos difíceis e muito *móviles*. Pode ser que ao ser publicado, este *paper* já esteja superado. Que a pandemia esteja controlada. Que os aviões tenham voltado a

circular pelos céus. Os restaurantes cafeterias, abertos. Que o máximo sacrifício seja a continuidade no uso de máscaras (agora customizadas) e luvas da grife Disney.

Importante não perder a utopia, mesmo em tempos do cólera. Que, se o capitalismo se mantiver, que seja mais humano. Que o turismo volte, ele também, com uma face mais humana. Sejamos utópicos....

REFERENCIA

Brito, N. A. de. (1997). La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 4, n. 1, p. 11-30. Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n1/v4n1a01.pdf>

De Souza Maciel, M. et al. (2012). A história da tuberculose no Brasil: os muitos tons (de cinza) da miséria. *Revi Socied Bras Clín Méd*, v. 10, n. 3, p. 226-30. Disponível: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2012/v10n3/a2886.pdf>

Eco, U. (1989). *Sobre espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Faraldo, J.M. & Rodriguez-López, C. (2013). *Introducción a la historia del turismo*. Madrid: Alianza Editorial.

Harvey, D. (2020). *Os sentidos do mundo – textos essenciais*. São Paulo: Boitempo.

Hobsbawn, E. (2009). *O novo século*. São Paulo: Companhia das Letras.

Joaquim, M. da G. L. da C. (2012). *Os viajantes e o turismo: Narrativas, modos de vida e representações sociais*. Dissertação (Doutorado em Sociologia). Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, Portugal. Disponível: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/11882>

Preciado, P.B. (2018). *La izquierda bajo la piel. Um prólogo para Suely Rolnik*. In: Suely Rolnik. *Esferas da insurreição – notas para uma vida não cafetina*. São Paulo: N-1 Edições.

Ronik, S. (2018). *Esferas da insurreição – notas para uma vida não cafetina*. São Paulo: N-1 Edições.

Salazar, N. B. (2006). Antropología del turismo en países en desarrollo: análisis crítico de las culturas, poderes e identidades generados por el turismo. *Tabula rasa*, n. 5, p. 99-128. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/396/39600506.pdf>

Santos, B. de S. (2020). *A pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina.

Santos, B. de S. & Meneses, M.P. (2009). *Epistemologia do Sul*. Coimbra: Almedina.

Selister, M. (2009). *Desconstruir saberes machistas e enfrentar relações de poder patriarcal. Desafios feministas em América Latina: la mirada de las jóvenes*. Montevideo: Cotidiano Mujer / Articulación Feminista Marcosur, p. 65-73. Disponível: http://www.dhls.hegoa.ehu.eus/uploads/resources/5099/resource_files/pub_ensayos09.pdf#page=65

Recebido em:03/06/2020 - Aprovado em: 09/06/2020

CENÁRIO|ISSN 2318-8561|Brasília|V.8, n. 14|101 – 109|Jun. 2020|

DOI: 10.26512/revistacenario.v8i14.32167